

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)

Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)

Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)

Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)

Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)

Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)

Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

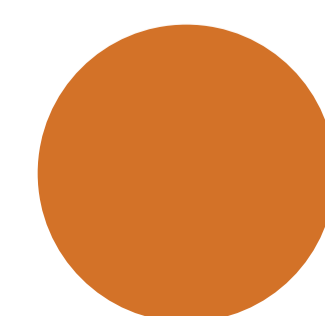
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

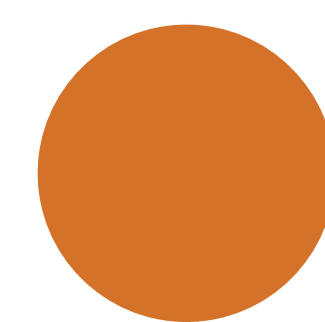
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

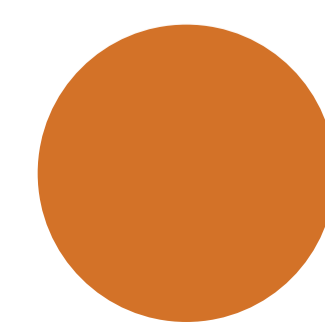
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

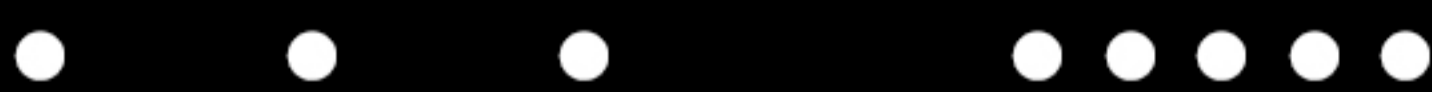
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546

CAPÍTULO 6

transversalidades
DISSONANTES



“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”: O MITO DE MICAELA

Autora: Mariclécia Bezerra de Araújo (UDESC) ¹

Orientadora: Maria Brígida de Miranda (UDESC) ²

__RESUMO

Adormecer é acordar pra dentro. Não se sabe a extensão da sua realidade ou da sua fantasia, porque sonhar é a experiência mais primordial que se poder ter. Neste artigo, narro um encontro que se deu através de um sonho em que uma índia chamada Micaela, caçada a “dentes de cachorro e cascos de cavalo”, me relatou como foi a sua labuta em meio ao sertão colonizado e devastado pelos homens brancos no Seridó; no Rio Grande do Norte. Dessa narrativa, escolhi um dos mitos que se revigora na memória oral dos cidadãos de Carnaúba dos Dantas/Seridó-RN para protagonizar tantas outras mitologias sobre a índia Micaela que descansam em terras seridoenses. Sendo assim,

¹ Artista docente, professora de Arte, graduada em Letras (FIP/PB), mestre em Linguagem em Ensino (UFCEG), graduada em Teatro (UFRN/RN) e doutoranda em Teatro (UDESC/SC). Email: clerisrn1@hotmail.com

² Professora Associada da Universidade Estadual de Santa Catarina, graduada em Educação Artística pela Universidade de Brasília (1993), Mestre em Artes pela University of Exeter (1995) e doutora em filosofia pela La Trobe University (2004). Email: brigidaudesc@gmail.com

ficarei com a primeira versão, tendo em vista que existem mais outras duas que povoam o imaginário coletivo dos seridoenses. Assim, por meio de uma escrita performática, lanço mão dos fatos por outra perspectiva, pelo olhar de Micaela, denunciando uma colonização misógina, sexista e racista.

__PALAVRAS-CHAVE

Mito, Lutas Femininas, Liberdade, Patriarcado.

__ABSTRACT

Falling asleep is waking up inside, and the extension of its reality or fantasy is unknown, because dreaming is the most primordial experience we can have. In this paper, I narrate a meeting that took place through a dream in which an Indian woman named Micaela, hunted by “dog teeth and horse hoofs”, told me about her toil in the middle of the colonized hinterland, a place devastated by white men in the Seridó of Rio Grande do Norte. From this narrative, I chose one of the myths which is invigorated in the oral memory of the citizens of Carnaúba dos Dantas / Seridó-RN to feature so many other myths about Indian Micaela that rest in Seridan lands. In this context, I will keep the

first version of her myth, considering that there are two other versions that populate the collective imaginary of the people from Serido. Thus, through a writing performance, I use the facts from another perspective, by the eyes of Micaela, denouncing a misogynistic, sexist and racist colonization.

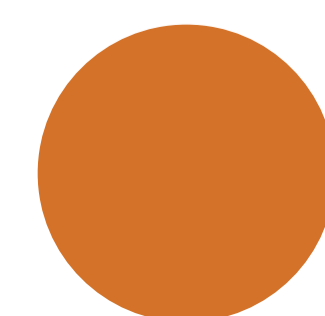
__KEYWORDS

Myth, Female Struggles, Freedom, Patriarchate.

FOGO, FUMAÇA, DESAPROPRIAÇÃO E PERSEGUIÇÃO

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é freqüentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (PERROT, 2007, p. 21).

O universo onírico assombra-me diariamente. São as fantasmas que insistem em me visitar, trazendo em suas vozes solitárias as histórias, prematuramente devastadas, distorcidas e desvalorizadas. Elas achavam que eu podia permanecer em sonho por muito tempo, mas elas se



esqueceram do peso que carregam, das marcas e das dores que trazem em seu infindável lamento.

Em uma dessas assombrações, presenciei o combate sangrento delas, das índias, durante a “Guerra dos Bárbaros”³, ocorrida por volta de 1683 na ribeira do sertão do Acauã, mais conhecida hoje como Seridó/RN⁴. As imagens e os reflexos ainda estão vagando na penumbra de meu sonho traumático, vivido num lugar outrora habitado por mulheres guerreiras, brabas e escudeiras. Havia no sonho/pesadelo uma enorme escuridão, em formato de névoas, com fumaças e cinzas por todos os lados.

No momento em que escrevo esse texto, o cheiro ainda está aqui, pois acho que se fixou em meus pensamentos, como ferida podre. E; nessa putrefação, os odores das vidas que se iam, sem enterros ou orações, começaram a boiar sob a chuva que aliviava o calor das chamas, porque a mãe terra, sofrida com o massacre dos filhos, apelou para as Deusas pedindo água, a fim de sepultar os seus descendentes que estavam debaixo do fogo.

Ainda posso sentir o teor triste do vasto cenário.

³ A Guerra dos Bárbaros foram episódios belicosos ocorridos no interior de todo o sertão nordestino brasileiro. “A conquista do sertão do Rio Grande do Norte não foi pacífica. Vendo invadido seu território, os índios se levantaram, com a mais legítima determinação guerreira, contra os primeiros assentamentos de fazendas no interior na Capitania do Rio Grande, numa epopéia sertaneja que até hoje reclama atenção por parte dos historiadores. O gentio bárbaro, como a eles se referiam os documentos da época, resistiu por anos a fio até ser morto ou aldeado pelos homens brancos que tentavam se fixar nas ribeiras e aguadas dos sertões.” (MUIRAKYTAN, 2012, p. 35).

⁴ Região de transição entre o campo e a caatinga nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Para mais, informações, ver tese de Helder Alexandre Medeiros de Macedo, intitulada **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (século XVIII e XIX)**, defendida em Recife, em 2013.

Era sombrio, fúnebre, esquecido, rasgado por um canto solene, curto, pausado e sofrido. As que ficaram vivas choravam sem parar, mastigando a saliva em busca de sustentar a sede, dando consolo aos filhos ensanguentados, dilacerados pelas chamas. Essa dor de ser destituída de seu mundo, queimada viva em sua mãe terra, provocou-me um saber adormecido que estava enterrado nas brumas do crepúsculo, escondido na psique, formatado conforme o que se convencionou como mundo real.

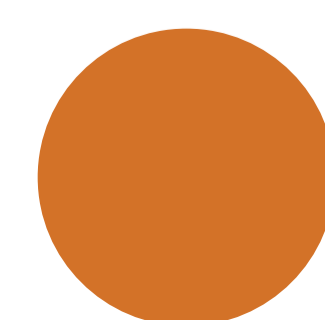
Foi assim, então, que a colonização no Seridó/RN começou: com fogo. Segundo Gaston Bachelard (1994)⁵, ele é calmo, profundo, universal. É o elemento primordial, originário, primogênito; senhor supremo, amante principal da vida. “O fogo é assim, um fenômeno privilegiado capaz de explicar tudo. Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo.” (BACHELARD, 1994, p. 11). É o fenômeno mais deslumbrante e inexplicável que existe, ele também é o Deus que atiça as descobertas, as chamas inquietantes do humano que estão distantes de seus instintos. Sendo um ser natural, a primeira lição que aprendemos sobre ele é como não tocar.

⁵ Filósofo e poeta francês; Gaston Bachelard (1884-1962) buscou em seus escritos; o destaque unificador da imaginação para o saber, a poesia, o trabalho, o sonho; e o caráter essencial da linguagem; como suporte objetivo da subjetividade, para a apreensão e análise das contradições humanas. Para o poeta, era interessante a interpretação psicológico-literária dos elementos: terra, água, fogo e ar. Para mais informações e interesse pela obra do autor, ver: <https://farofafilosofica.com/2018/03/11/gaston-bachelard-10-livros-para-download-em-pdf/>. Acessado em 23/11/2020.

O toque demorado esfarela em cinzas a parte atingida, e os vestígios se perdem ao vento, virando poeira, tornando-se força integrante do universo. Ao pousar na terra, essa poeira circula e se entrega ao solo, penetrando nele, adubando suas sedimentações, dando vida ao que outrora morrera. É por meio do fogo que se começa a existir, porque; antes de nascermos; somos alma, espírito vagando em busca de vida. Somos anjos alados perdidos, sem moradia, desejando abriga-nos em um corpo quente, novo, vivo.

É a chama que mantém a alma em constante vibração, dando permissão maior a um novo ressurgir. Devido a essa supremacia singular, somos fascinados por seu brilho vermelho, branco, amarelado, por sua chama única que acende os nossos dias, iluminando nossas trevas obscuras pela exaustão do tempo.

Como “todo sonhador inflamado é um poeta em potencial” (BACHELARD, 1989, p. 11), jaz aqui uma poetiza de coração ancestral, inflamada em vigilar o anoitecer, o amanhecer, as lareiras apagadas, perdidas em casas solitárias. Ao olhar o fogo parado na vela, tento criar um contato, passando o dedo em cima, sentindo um queimar invadir meu espírito, transportando-me ao antigo mundo das almas. Ponho e retiro o dedo rapidamente, antes que ele me consuma, me aprisionando em seu mundo,



mostrando-me como é específica a sua forma, me ensinado conhecimentos jamais absorvidos, porque ele nos restaura e amplia nossa visão perante o inusitado. É assim que ele nasce/renasce, que se instaura, e é por meio dele que vou relatar a perseguição e a destruição de uma raça feminina de origem indígena, nascida e criada em solo seridoense, localizada no sertão do Rio Grande do Norte/RN.

Inflamada por essas assombrações, esta escrita incendiará aquelas que a lerem, porque será revelada a destruição do protagonismo feminino selvagem, guerreiro, de nomes silenciados, apagados por tochas e armas masculinas. Esquecidas e destronadas de sua sabedoria, as selvagens, forjadas no raio de Jaci⁶, cavalgaram em direção à mata seca, buscando refúgio em cavernas, grotas, furnas e locas que as resguardassem das trevas. A aurora vinha com o grito do Acauã, e elas sobreviveram em pedaços, resistindo à selvageria daqueles que as caçavam, *a dentes de cachorro e cascos de cavalo*⁷, pelas ribeiras e pelos riachos seridoenses.

⁶ Jaci é uma Deusa Brasileira que banha com luz a essência do feminino sagrado. Para mais, ver: <https://www.okademani.com.br/single-post/2018/07/26/Jaci-Deusa-da-Lua-e-a-Lenda-daVitoria-regia>. Acessado em 21/11/2020.

⁷ As caboclas viviam “escondidas nos pés-de-serra ou nas suas chãs e homiziadas nas furnas e grotas, andando sozinhas ou em pequenos grupos, fugindo a todo tempo do alastramento da fronteira pastorícia, foram literalmente caçadas pelos conquistadores luso-brasílicos, que, montados em cavalos e com a ajuda de cães de caça, conseguiram domar a sua brabeza”. (MACEDO, 2013, p. 5). A essa caçada brutal, eles deram o nome de *dentes de cachorro e cascos de cavalo*.

A CABOCLA BRABA GUERREIRA: MICAELA

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (PERROT, 2007, p. 234).

Eu sou uma errante, moça nascida e criada no Seridó, de ascendências múltiplas, filha das arredias, das abusadas e frechadas⁸. Disseram-me que eu sou fogo, menina ruim, que nasceu para incendiar, como antigamente faziam as índias que aqui viviam. As primeiras mulheres caçadas e perseguidas eram índias, minhas avós caboclas, mães primeiras das terras seridoenses. Elas traziam no sangue o calor supremo, oriundo de personalidades descolonizadas, rainhas e deusas de saberes originais. Viviam próximo ao rio Acauã, “perambulando pelo mato, cozinhando em panelas de barro, colhendo mel de abelha e usando-o como alimento acessório junto à caça e aos frutos da caatinga” (MACEDO, 2013, p. 107), usando um linguajar do qual os homens brancos desconheciam a tradução.

Domingos Jorge Velho⁹ e suas tropas, a mando da capitania do Rio Grande, chegaram de madrugada a

⁸ No dialogismo seridoense, frechada significa indomável, de sangue quente. Ou seja, moças assim são loucas.

⁹ “Matias da Cunha, Governador-Geral do Brasil em 1688, contratou os serviços do Terço Paulista de Domingos Jorge Velho para que ele combatesse os índios na região do sertão do Rio Grande do Norte. Não participando do último combate, mas deixando suas tropas nas terras do Acauã, que em 1692 derrotou os gentios, e prendeu mais de mil indígenas, em especial o cacique Canindé líder do povo”. (MUIRAKYTAN, 2012, p. 36).

cavalo, com armas de fogo, incendiando vidas, chefiando um massacre desumano, fomentado pela possibilidade de ocuparem aquele espaço, de serem os donos, os senhores reis do sertão. Alcançando a tão sonhada conquista, a dinastia portuguesa firmou moradia fixa nas terras indígenas e povoou a região, construindo os currais para o bicho boi trazido da capital. Nas margens e ribeiras, ficaram as poucas sobreviventes indígenas, escondidas na Serra da Rajada, localizada entre Parelhas/RN, Jardim do Seridó/RN, Acari/RN e Carnaúba dos Dantas/RN, sendo, também, o palco de outro massacre: a caça às caboclas¹⁰ guerreiras.

A civilização seridoense nasce, assim, com o estupro das índias sobreviventes da Guerra dos Bárbaros. Segundo Macedo (2013), tal prática no século XVII era recorrente devido à falta de mulheres na região, nascendo desse infortúnio a raça mestiça, derivada do homem branco, mais conhecido como o vaqueiro; ou o próprio luso-brasílico. Em uma dessas empreitadas selvagens, eles avistaram a principal personagem deste estudo, uma cabocla braba guerreira, residente da Serra da Rajada, caçada *a dentes de cachorro e cascos de cavalo* por um luso-brasílico chamado Caetano Dantas Corrêa¹¹.

¹⁰ “As caboclas capturadas pelos conquistadores luso-brasílicos tornaram-se (de maneira forçada, ou não) esposas ou concubinas dos primeiros conquistadores, donde nasceram os filhos mestiços que, por vezes, chegaram a tomar conta de suas fazendas na época do couro”. (MACEDO, 2013, p. 7).

¹¹ A partir das considerações de Macedo (2013), Caetano Dantas Corrêa (1710-1797), luso-brasílico, em 1750 tinha uma fazenda de gado na ribeira do Seridó, fundando, posteriormente, Carnaúba dos Dantas/RN.

[...] o coronel Caetano Dantas Corrêa (1710- 1797) teria *pego a dente de cachorro e a casco de cavalo* uma *cabocla-braba* que batizara posteriormente como Micaela, a qual estava desgarrada nas cercanias da Serra da Rajada (hoje, essa serra fica localizada entre os municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Parelhas e Jardim do Seridó). Contam que a mesma, por ser muito arredia, foi trancada e amarrada em um quarto e que, ao receber a comida em um prato, cuspiu-o e o arremessava de volta. Teria sido amansada por Caetano Dantas, com quem casara depois e tivera filhos, dos quais descendem os Dantas que povoaram a ribeira do Seridó. (MACEDO, 2013, p. 108, grifo do autor).

Violentos e desumanos, os homens continuaram a praticar contras as índias tais brutalidades, sendo eles os mais severos e ríspidos senhores homens do sertão seridoense. Na terra que só pertencia ao macho branco, reinava a força de se ter nas sesmarias a predominância dessa violência de gênero, sendo negado às mulheres que lá viviam o direito de pertencer, de cultuar suas origens, de cuidar da terra e de viver no mato, como assim desejavam.

Denunciadora da violência usada na empreitada de colonização das terras situadas na ribeira do Seridó e de seus afluentes, a narrativa envolvendo a captura da indígena nos parece, por outro lado, a lembrança de que essa região tinha muitos habitantes antes da chegada dos conquistadores. Populações essas a quem foi negado, com a vitória do projeto ocidental e consequente interiorização da pecuária, o direito de manter seus próprios territórios, adorar seus deuses e até mesmo de conviver segundo seus padrões societários. (MACEDO, 2013, p. 112).

Tendo em vista o que ocorreu no século XVII, a cultura do estupro continua hoje asseverando ser ela a supremacia do corpo masculino, mediante um machismo e um patriarcado ainda predominante em nossa sociedade. Após mais de quatro séculos, temos casos parecidos como o de Micaela; e o de outras mulheres que, como afirma Mary Del Priore (2004), tiveram fatos silenciados, cortados e historicamente destruídos.

Antes disso, no mundo ocidental do século XV, já existia uma política sexual hostil, que liberava os homens a estuprar mulheres nas piores circunstâncias, fossem elas meninas, adolescentes ou adultas, pois “uma vez estuprada, não era fácil recuperar seu lugar na sociedade” e, dessa forma, “a legalização do estupro criou um clima intensamente misógino que degradou todas as mulheres, qualquer que fosse sua classe”. (FEDERICI, 2019, p. 104).

A sexualidade feminina, em dias atuais, permanece ferida, sendo alvo desses senhores, pois, em pleno século XXI, o homem sozinho ou em bando ainda estupra a mulher covardemente. Diante dessa misoginia e desse sexismo exacerbado, sabemos que sobreviver em terra de homem não é uma tarefa fácil. Ondas de repressão invadem o sexo feminino, deixando a descendência de Lilith enfrentar o Adão que ainda insiste em viver sobre a terra.

Como os europeus que aqui chegaram já eram instruídos a cometer tais crimes, foi fácil caçar as índias seridoenses. Eles não contavam com o fato de que elas seriam o ponto de desequilíbrio deles. A partir dessas insurgências do corpo feminino, em especial de como a mulher seridoense era/é uma alma em chamas, começo a relatar a narrativa de Micaela¹², de sua jornada heroica, num desbravamento solitário, mas que fez dela a patrona social e religiosa de uma comunidade, a mãe-avó de todas nós. Assim, mediante todos os sonhos que eu vinha tendo com a Guerra dos Bárbaros, em um deles tive um encontro inusitado. Em um dia de muita chuva, em que o vento, por trás das serras parelhenses, anunciava o prenúncio de uma grande tempestade, enquanto eu dormia, vi a minha ancestral.

No sonho, eu estava no meio de uma grande mata. Era cinzenta a sua vegetação, com bastantes pedras no caminho. O escuro me deu pouca visão, e eu tive a sensação de estar perdida entre os mundos. De repente, fui seduzida por uma fumaça; que me deu um direcionamento para segui-la, para ir com ela. Quando me aproximei mais de sua combustão, vi uma mulher sentada numa

¹² De acordo com Macedo (2013), Micaela foi o nome dado por Caetano Dantas Corrêa à índia que ele sequestrou. Seu nome de origem até hoje ainda é desconhecido. Existem três versões do mito dessa índia: na primeira delas, vista pela comunidade oral dos carnaubenses, Caetano Dantas Corrêa teria amansado a índia e se casado com ela, tendo filhos que vieram a criar a cidade de Carnaúba dos Dantas. Na segunda, historiadores e genealogistas que escreveram sobre a família Dantas, revelaram que Micaela era filha de Caetano Dantas Corrêa com Dona Josefa de Araújo Pereira, que por sinal, se casou com Antônio de Azevedo Maia, e; a índia, que teria o mesmo nome, seria somente a concubina dele. Na terceira e última versão, ele teria mesmo se casado com a índia Micaela e dado o mesmo nome a uma de suas filhas, criando com elas a cidade de Carnaúba dos Dantas. Assim, eu escolhi a primeira versão para compor este artigo. Essas informações foram retiradas da tese de Helder Macedo, contida nas referências.

pedra gigante, com um cachimbo em mãos, soprando ao vento seu encanto, sua magia, que se dissipava no céu como feitiço. Aproximei-me dela amedrontada, e eu não entendi o que ela me falou. Uma língua estranha, cheia de mistérios, sem formas ou compreensão para mim. Sem entender nada, comecei a correr; voltando pelo caminho que me levou até ela; e, quando cansei de correr entre as pedras, vendo meu pé quase sangrar, parei do lado de um cacto alto.

As batidas do meu coração eram tão altas quanto o sino de uma igreja. E ela surgiu em minha frente, na velocidade de uma flecha sem direção, cravando a mão forte no cacto, arrancando-o bravamente, sem dor, arremessando-o longe. Paralisei o corpo; e me urinei na roupa, mas pude entender o que ela me falou com raiva e exaustão:

- Eu¹³ sou Micaela! Andarilha deste solo árido. Caminho na mata procurando loca, caverna, um lugar escondido para meu corpo padecer. Meu sertão foi tomado por selvagens de armas de fogo que derramaram o sangue do meu povo, destruíram minha casa, minha família; e me fizeram sair fugida forjada na força do vento. Sem caminho, sem eira nem beira, vago pelas margens do rio esperando a mão branca escorregar por ele, e que se vá com a canção

13 A escrita em vermelho é para simbolizar a cor da raça indígena e a bravura de Micaela. Inconsciente, eu comecei a escrever em vermelho e, quando percebi, achei simbólico optar por deixar como estava.

que o rio entoa, levando seu corpo ao fundo da oiticica¹⁴. Quero narrar a você a versão dos fatos pelo meu olhar. Muita coisa foi escrita pela mão branca, mas eles se esqueceram de relatar a parte que me cabe da história. Sente-se aqui, falou ela.

Sentei-me no chão quente da Serra da Rajada e deixei que ela falasse.

- Fui caçada, maltratada, humilhada. Arrancada à força do chão, laçada e amarrada, presa numa casa, passando fome e sede. O sol eu não via mais, meu povo havia sido queimado, se perdido, vendido como escravo, abusado e amaldiçoado. Não sabia mais se iria viver, correr pelo mato, colher fruto; ou dormir sob as estrelas. Amansei o ódio no peito, deixei-me cair sem alento esperando a deusa da morte vim me guiar de volta às constelações. Quando apaguei de dor, sonhei com outro tempo, um em que eu caminhava sozinha, caçando, esperando a chuva cair, porque aqui a chuva vinha pouco por causa da seca. Em tempos ruins, todas as mulheres em círculo da minha tribo Canindé cantavam para a deusa Jaci, olhando pra ela no céu, chamando-a por meio de um lamento. Ela vinha pela ventania afora esfriar a terra, adubando os nossos ventres, fortalecendo a natureza que nos cuidava. Eu era menina valente. Corria com as onças sem medo

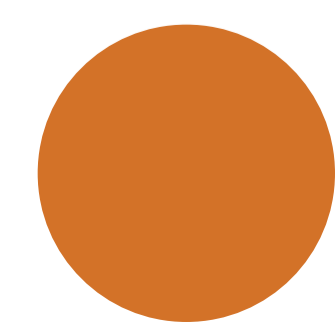
¹⁴ Oiticica era um riacho localizado na região de Parelhas/RN. Chamava-se assim por causa dos muitos pés de oiticica dentro dele. Hoje ele está seco devido à falta de chuva na região.

de nada e caçava pra minha mãe, índia velha, cozinhar os bichos na fogueira. Cresci no raio da aurora, vigiando os curumins, ensinando a língua do nosso povo, banhando eles no açude. A água era pura e cristalina. Hoje ela é verde, devido aos resíduos de minérios que os garimpeiros brancos derramaram nele. Morreu tudo, os peixes, a vida que sobrevivia dele. Acordei com o estômago doído; e resolvi comer a comida do homem branco deixada na porta. Resolvi também não morrer, decidindo continuar viva para que todos conhecessem a minha história, o que eu fui e quem era meu povo. Quando os cachorros entravam pra me amansar, comecei a ficar quieta, sentada, em silêncio, e o velho branco começou a me visitar. Deixava-o abusar do meu corpo calada, sem gritar, ou morder, como antes fazia. Aos poucos ele foi me levando pra dentro da casa grande, me vestindo, me fazendo tomar banho, amarrando meu cabelo, pois estava, segundo ele, amansada. Tornei-me com o tempo a dona do lar. Aprendi a ler e a escrever a língua dos brancos; entendi a sua religião, e era muito amada pelo homem que me caçou. Tivemos filhos, muitos deles. Da sesmaria que tínhamos e da grande criação de gado, fundamos Carnaúba dos Dantas/RN. Eu dei a ideia de ser Carnaúba por causa das grandes carnaubeiras que existiam, e, como só tínhamos nós na região, ficou Dantas devido ao sobrenome dele. Eu era como um pé de jurema

velha: derrubava com o olhar aquele que me fizesse mal. Aos meus filhos, transmiti a cultura do meu povo, as lendas que tínhamos, e como extrair da natureza a cura, as substâncias necessárias à sobrevivência. Lutei pela minha liberdade, mas tive que ser como ele queria que eu fosse. Porém, o deixei achar que estava no comando, e ia, com astúcia, contornando o tempo e seus trajetos, pois como dizia meu povo, vivíamos para amanhecer sempre no alvorecer do dia, e morríamos se preciso, no crepúsculo.

Quando percebi, o sol já estava entrando pelas frestas da minha janela. Era dia, e eu levantei cansada, com a sensação de ainda sentir o cheiro do cachimbo da velha índia. O sonho reverberou numa narrativa, um novo olhar para o que aconteceu durante a colonização do meu povo. Não se estuda isso na escola, nem sabemos como tudo ocorreu. Só se sabe que devemos agradecer pelos portugueses terem vindo para cá, por terem feito o que fizeram. A instrução de agradecer é pesada demais. Assim como a água molda as pedras, nós mulheres temos a facilidade de moldar a alma dos homens, e é esse artifício que eles tanto temem. Micaela soube disso nos primórdios do mundo. Ser somente como um rio comportado não nos cabe mais, é muita água querendo entrar em ebulição, desejando encher reservatórios, ou lavá-los por dentro.

Eu acordei. Ela me acordou. Vou revogar a lei que não

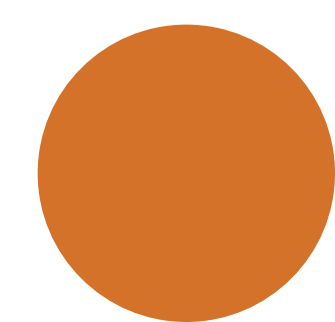


exige os relatos do que aconteceu durante a colonização como conteúdo na escola, como acervo concreto dos fatos silenciados. É meu direito como mulher escrever o que não escreveram, contar o que calaram, acreditar nelas, e não na versão deles, somente, como a verdadeira. Existem, também, as fissuras da história que estão tornando-se concretas, pois o patriarcado está sendo desmascarado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

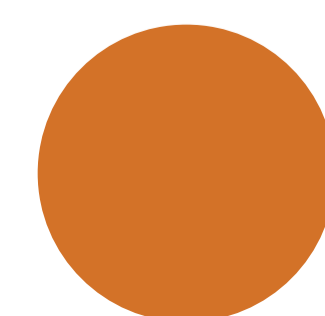
Os poucos vestígios deixados pela memória oral sobre Micaela deram visibilidade à versão dos fatos reais ocorridos na época da colonização, silenciados pelos documentos e registros históricos oficiais sobre a constituição das cidades seridoenses. A voz ecoada, não somente pelo teor individual, mas sobretudo coletivo, exemplifica a luta das mulheres em tempos de outrora, quando elas personificaram a força em afirmação feminina, subjugadas enquanto raça, que desbravou, também, essas terras.

O peso do silêncio velado, visto por várias razões como sendo essencial à cultura e à apropriação das terras sertanejas, agora foi rasgado, desbravando em minha voz a força que dela obtive, pois “nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento



no qual se anula a massa da humanidade”. (PERROT, 2007, p. 16). Porém, dessa humanidade esquecida, destinada à obscuridade, revelou ser o tempo pequeno para tanta bravura. Micaela não se permitiu afetar; nem esqueceu de sua origem negada, pois prova disso é que ela vive no imaginário coletivo do povo seridoense, firmando seu território, sua luta. Ser mais destemido não houve nessas terras, porque ela foi caçada, destituída de sua origem; e, mesmo achando que estavam domando seu coração, ela foi a dramaturga da sua história. Os gritos dela ainda ecoam no silenciamento social; como a guerreira que aqui foi domada, mas; que foi também; a mulher que domou o coração do homem branco, que subverteu as atitudes dos colonizadores, dando fim à prática da caça às caboclas da região.

“Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?” (PERROT, 2007, p. 16). Sim. Elas têm. As histórias delas continuam vivas, amedrontando aqueles que tentam passar uma borracha em cima. Não se pode apagar o que aconteceu. No meio do mato sempre sobra um ser que irá repassar de forma oral o trajeto do ocorrido, pois é inútil velar e costurar a boca dessas hereges, feiticeiras, meretrizes, curandeiras. É tudo credice. Elas estarão lá, prontas a



atacar e surgir como flechas certeiras a atingir o dominador e o doutrinador que conjurou e desmentiu a sua história. Cuidado: elas estão invisíveis.

__REFERÊNCIAS

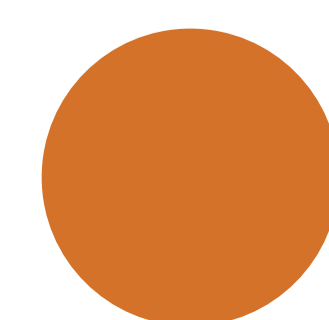
BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

----- . **A Chama de Uma Vela**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

CAVINGNAC. Julie Antoinette. “Mito e Memória na construção de uma identidade local”, in https://www.academia.edu/33989894/Mito_e_Mem%C3%B3ria_Na_Constru%C3%A7%C3%A3o_De_Uma_Identidade_Local. Acessado em agosto de 2020.

FEDERCI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: do Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

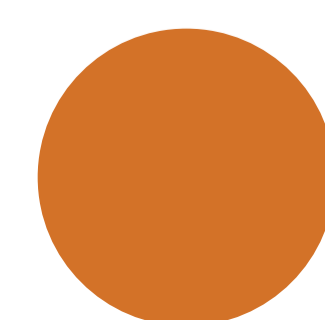
MACEDO. Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (século XVIII e XIX)**. In: OS PRIMEIROS TEMPOS:



NATIVOS, CONTATOS E MISTURAS. p. 87-113. Recife, 2013.

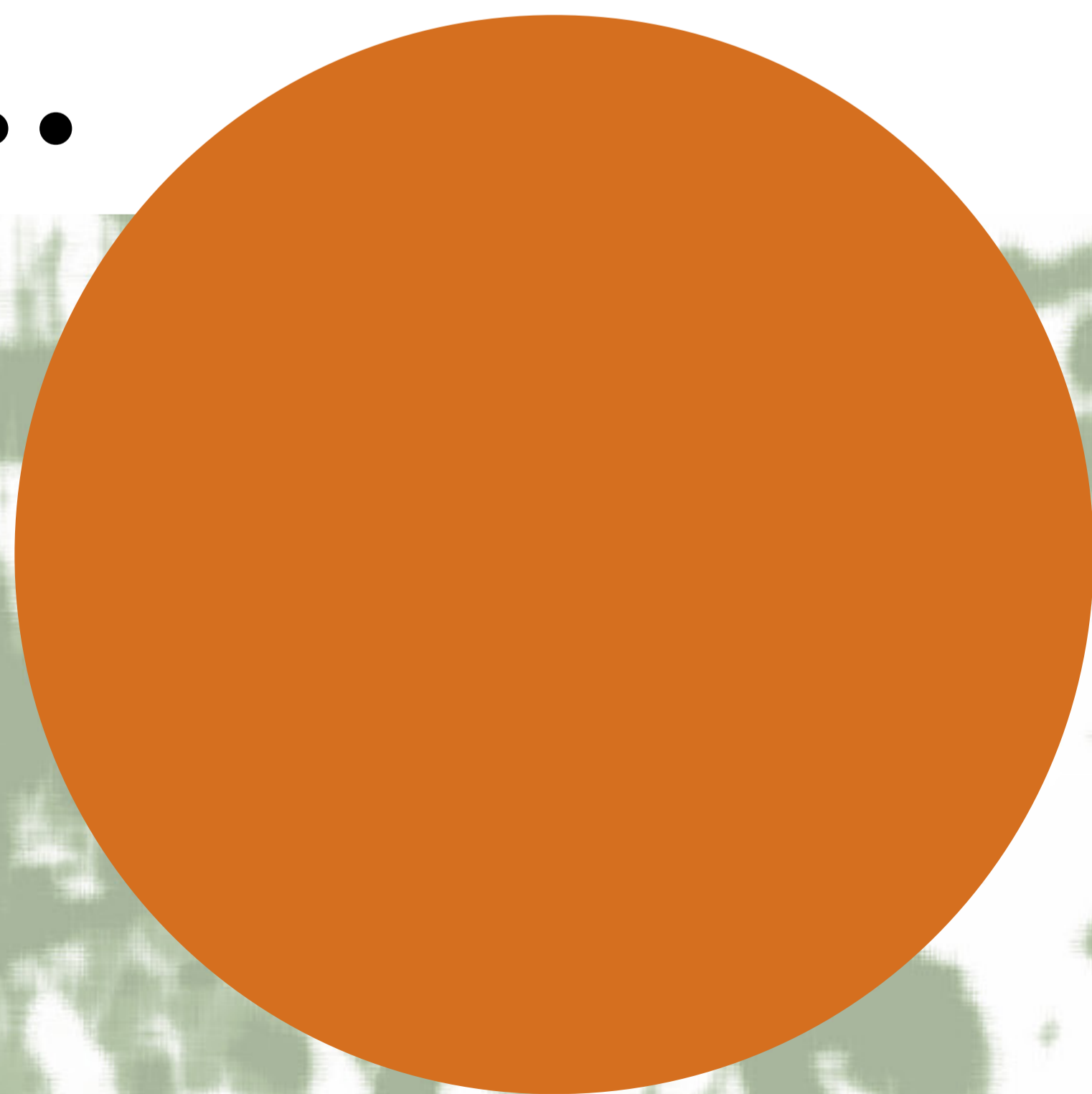
DEL PRIORE. Mary. **Histórias das Mulheres no Brasil** [recurso eletrônico]. Bassanezi (coord. de textos). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PERROT. Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

